



# A liberdade acadêmica e o fazer científico: um olhar sobre os desafios enfrentados no Brasil contemporâneo

Beatriz de Melo Silva<sup>1</sup>

Bruna Cinquini<sup>2</sup>

Talitha Passos de Lima Wormhoudt<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente ensaio busca pensar o lugar da Sociologia na sociedade, principalmente a importância dos espaços de divulgação científica e a liberdade acadêmica. Atualmente, são recorrentes os ataques à ciência e ao fazer científico, em especial, às matérias das Ciências Humanas. Neste texto, enfatizam-se as dificuldades de estar inserido no campo da sociologia, seja como professor ou pesquisador, considerando os obstáculos para permanecer nas Universidades Públicas como pesquisadores e os entraves causados pelos ataques à ciência. O ensaio aborda a importância da Sociologia na construção de uma sociedade mais democrática, e o fato de ser essencial existirem espaços de divulgação científica, com a finalidade de construir uma análise qualificada sobre o Brasil contemporâneo.

**Palavras-chave:** Sociologia. Ciência. Divulgação científica. Universidade Pública. Liberdade acadêmica.

## Academic and scientific freedom: a look at the challenges in contemporary Brazil

**Abstract:** This essay seeks to think about the place of Sociology in society, in particular the importance of spaces for scientific dissemination and academic freedom. Currently, attacks on science and scientific practice are recurrent, above all on subjects in the Human Sciences. This text emphasizes the difficulties of being inserted in the field of sociology, whether as a professor

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS/UFSCar). São Carlos, São Paulo, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7166-8126>. [biamelos@gmail.com](mailto:biamelos@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS/UFSCar). São Carlos, São Paulo, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1590-3758>. [brunacinquiniribeiro@gmail.com](mailto:brunacinquiniribeiro@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS/UFSCar). São Carlos, São Paulo, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5704-8142>. [talithapassos@yahoo.com.br](mailto:talithapassos@yahoo.com.br).



or researcher, considering the obstacles to remain in Public Universities as researchers and the obstacles caused by attacks on science. The essay addresses the importance of Sociology in the construction of a more democratic society, and the fact that it is essential to have spaces for scientific dissemination, in order to build a qualified analysis of contemporary Brazil.

**Keywords:** Sociology. Science. Scientific divulgation. Public University. Academic freedom.

## 1. Introdução

Espaço de balbúrdia, vagabundos, bagunceiros. São todos termos utilizados por pessoas ligadas ao atual governo para nomear estudantes da área de humanidades das Universidades Públicas. No caso da profissão do sociólogo e sua histórica subvalorização, os ataques insistem em continuar, sobretudo sob a forma do não reconhecimento do seu papel legítimo na sociedade. A reflexão crítica que fundamenta o fazer sociológico não possui, ao menos diretamente, a função de “gerar retorno imediato ao contribuinte” (PARANHOS, 2019), como sugeriu o presidente Bolsonaro. Um de seus objetivos é formar cidadãos com pensamento crítico para que conheçam a realidade em que estão inseridos e estejam aptos a lutar por mudá-la quando necessário.

Qualquer pessoa com acesso à internet pode divulgar informações sem qualquer embasamento técnico em seus perfis pessoais e obter um expressivo engajamento. Urge que os sociólogos ocupem esses espaços, propondo discussões com qualificação técnica e senso crítico.

Com o advento da internet e das redes sociais, o *ciberespaço* é uma das principais fontes de informação da população em geral, e é fundamental que as divulgações científicas não se restrinjam a congressos e eventos específicos, mas sejam realizadas também de maneira *online*, o que facilita a democratização do conhecimento.

Em um momento de grande ataque às ciências humanas no Brasil, entender a multiplicidade da sociologia é essencial (ROCHA, 2021). Não é o objetivo deste ensaio discutir sobre o mercado de trabalho do profissional da área da sociologia, mas é importante para o entendimento de que o papel da disciplina vai além do meio acadêmico, e, claro, muito além do estereótipo de “pensadores radicais” que acompanhamos nos discursos dos últimos anos: “o trabalho do sociólogo não é se deixar comover ou sofrer com o sofrimento dos grupos estudados, mas explicar as condições sociais em que tais fenômenos se reproduzem” (BALTAR; BALTAR, 2017, p. 264).



## 2. O cenário pós 2018 e o ensino da Sociologia

Em abril de 2019, o presidente Jair Bolsonaro usou sua conta na rede social Twitter para expor a sua clara intenção de cortar os investimentos nos programas ligados às ciências humanas, com a justificativa de que o investimento não traria retorno financeiro imediato para o país (PARANHOS, 2019). Um discurso comum de defesa das áreas consideradas “práticas” e a desvalorização do que é entendido como estritamente teórico. Uma clara falta de conhecimento sobre a amplitude do conhecimento das ciências sociais e seus impactos práticos.

Desde o início do mandato do atual presidente Jair Bolsonaro, foi possível identificar a tentativa de vincular as discussões das ciências humanas - mais especificamente da sociologia e da filosofia - a um caráter estritamente ideológico, reunindo diversos apoiadores que as classificam como “esquerdistas” e as universidades públicas como locais de “balbúrdia” (KER, 2020). Como consequência destes discursos proferidos pelo chefe do Executivo e seus apoiadores, as ações contra o pensamento crítico, agora transformados em “ideologia” seriam ponto central de ataque. Em que pese, a Sociologia como disciplina curricular obrigatória na educação básica possui uma trajetória marcada pela intermitência e descontinuidade (SILVA, 2007).

No cenário contemporâneo, a lei nº 11.684, promulgada em 02 de junho de 2008, estabeleceu a obrigatoriedade da disciplina de Sociologia nos três anos do Ensino Médio, promovendo simultaneamente um amplo debate sobre as condições institucionais para seu ensino, bem como sobre a formação de professores, produção de materiais, recursos didáticos e metodologias apropriadas.

Nesse sentido, em 16 de fevereiro de 2017, essa conquista foi ameaçada pela lei nº 13.415/2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, e estabeleceu a Reforma do Ensino Médio, “colocando em xeque a permanência de sua obrigatoriedade nos três anos desta etapa, bem como seu caráter disciplinar” (SILVA; GARCIA, 2020).

Na base do texto da reforma consta que “A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia (BRASIL, 2017)”. Por meio de tal Reforma, a obrigatoriedade do ensino de sociologia - bem como de filosofia, artes e educação física - foi posto em discussão novamente. O texto trouxe a preocupação, tanto com as questões da carga horária quanto sobre a obrigatoriedade dessas práticas como disciplina de fato.

Outro ponto que se encontra além da discussão sobre a obrigatoriedade é a escolha dos profissionais considerados aptos para lecionar as atividades das áreas das ciências humanas. Neste sentido, foi abandonado a obrigatoriedade de profissionais formados em suas áreas específicas, (licenciatura em sociologia/ciências sociais) criando, em seu lugar, o requisito do notório



saber, que segundo a Lei seriam: "profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional" (BRASIL, 2017). Ou seja, não necessariamente profissionais com formação específica são autorizados a ministrar as disciplinas, o que mostra, mais uma vez, a descredibilização do sociólogo, no sentido de que qualquer outra área poderia ser capaz de lecionar o conteúdo.

Além do Ensino Médio, temos também o problema no Ensino Superior, no desmonte às universidades públicas, os "locais de balbúrdia". Nada de novo para nós, que sabemos que, citando Darcy Ribeiro, "a crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto", discurso proferido em julho de 1977, na cerimônia de abertura da Reunião Anual da SBPC, realizada na PUC-SP.

Aqui também podemos inserir a discussão sobre a inadequação entre a formação universitária e o mercado de trabalho, sendo cada vez mais comum pessoas seguirem uma profissão não correspondente ao seu diploma: outro fato que descredibiliza o papel da universidade e do pensamento crítico, colocando, mais uma vez, as atividades profissionais consideradas práticas em detrimento das outras. Quem escolhe o que é mais importante?

As mudanças propostas pelo Novo Ensino Médio passam a valer no ano de 2022, em um processo de implementação progressivo pelas escolas públicas e privadas, tornando-se obrigatório para todas as instituições de ensino a partir do ano de 2023. A proposta de integrar as disciplinas por área de conhecimento - como a divisão do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) - e a implementação do ensino técnico, será visto na prática, e então será possível entender, de fato, qual será a posição destinada ao curso de sociologia, e, logo, aos sociólogos. Posicionar a sociologia como ciência é uma luta diária.

### 3. Reflexões sobre o ensino da sociologia

Retomando a discussão dos ataques mencionados anteriormente, é possível fazer uma reflexão acerca da importância da autonomia dos campos científicos. Partindo da ideia de que para um campo ter autonomia, é necessário que as pressões externas, principalmente, pressões políticas não influenciam as produções científicas. No momento em que ocorre uma "politização" de uma disciplina, é possível assimilar este fenômeno como indicação de perda de autonomia (BOURDIEU, 2004).

Com o objetivo de aprofundar essa reflexão, podemos pensar em um exemplo já mencionado por Bourdieu em seu livro *Os usos Sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico* (2004), no qual pontua:

[..] se você tentar dizer aos biólogos que uma de suas descobertas é de esquerda ou de direita, católica ou não-católica, você suscitará uma franca hilaridade, mas nem sempre foi assim. Em



sociologia, ainda se pode dizer esses tipos de coisas (BOURDIEU, 2004, p. 22).

Esse exemplo é muito interessante para pensar o que estamos vivenciando no Brasil. Existem inúmeras falas com este teor para desqualificar as pesquisas, em especial, no campo das ciências humanas. Grupos favoráveis ao atual governo apontam as produções acadêmicas como opiniões ou ideologias “esquerdistas” feitas por “esquerdistas”, sendo assim, não deveriam ser consideradas. O curioso, ainda pensando neste exemplo, é ressaltar que Bourdieu escreveu em outro contexto e afirma em seu exemplo, que os biólogos jamais enfrentariam esse tipo de intervenção. A partir do caso brasileiro, com a presença da bolsonarização (SOLANO, 2018) e sua (não) gestão da pandemia, vemos que, aqui, até o biólogo e vários outros profissionais do campo das ciências naturais, como médicos, estão tendo que enfrentar a taxação em suas pesquisas como produções “esquerdistas”.

No período pandêmico, tal situação ficou nítida no caso do biólogo Atila Iamarino, que junto com Carlos Hotta têm o canal de divulgação de pesquisas *ScienceBlogs Brasil* desde 2008. Ambos se dedicam ao canal com objetivo de levar a ciência à população brasileira, incluindo o pensamento científico no cotidiano das pessoas. Apesar de o canal existir há algum tempo, ambos tiveram sua credibilidade como cientistas questionada ao se posicionarem favoravelmente ao isolamento social.

É muito comum escutarmos que as matérias de ciências humanas incomodam aqueles que pertencem, de alguma forma, ao poder, pois, esse conhecimento poderia proporcionar as ferramentas para os indivíduos terem outra visão de mundo, como cidadãos críticos. É uma ideia presente até mesmo em autores da sociologia, como Bourdieu (2001, p. 60) pontua:

[...] se os que têm algo a ver com a ordem estabelecida, seja lá o que for, não gostam nem um pouco da sociologia, é porque ela introduz uma liberdade em relação à adesão primária que faz com que a própria conformidade assuma um ar de heresia ou de ironia.

A sociologia proporciona, de fato, uma formação que permite analisar os fenômenos por uma lente mais crítica e questionadora.

A prática de deslegitimar o ensino das ciências humanas e o trabalho dos professores nas escolas, ganharam força e abriram espaços para que os pais dos alunos comesçassem uma onda de vigilância e questionamentos com os professores que lecionam matérias como sociologia e história (CASSOL, 2018). O ambiente da sala de aula tem que ser um espaço onde as ideias possam ser debatidas de forma democrática e sem censura. Quando o professor passa a ser vigiado, controlado, e mais, passa a sofrer ameaças pelos temas que aborda, o ato de lecionar perde o seu sentido, por isso, essas ações de vigilância e controle têm que ser combatidas. O atual governo não só questiona a ciência, o ensino das humanidades, como também tem o projeto de formar cada vez mais



cidadãos menos críticos, com a destruição e deslegitimação dessas matérias na escola. São ataques constantes que professores de ciências humanas têm que enfrentar no dia a dia, colocando em risco a autonomia do professor em relação a sua matéria.

Neste contexto, o aumento nos investimentos em divulgação e a consequente popularização da ciência fará com que a percepção pública sobre a ciência seja alterada. É fundamental que exista uma articulação das políticas institucionais de divulgação acadêmica, a fim de resultar em um estímulo à cultura científica na sociedade. O diálogo dos cientistas com a sociedade é essencial, de modo a aproximar os cidadãos do processo de construção do conhecimento, assim como de seus resultados. Através dessa integração podem-se articular os saberes produzidos na universidade e a cultura popular, o que geraria uma apropriação social do conhecimento.

A educação como componente primordial para o desenvolvimento da sociedade, e tanto a formação técnica quanto a divulgação dos resultados obtidos com as pesquisas são importantes. É sempre um desafio transformar o conhecimento robusto de anos de pesquisa em informações acessíveis ao público em geral, devendo sempre existir a preocupação de não banalizar um conteúdo complexo.

Qual a ciência que queremos divulgar? Devemos buscar sempre propagar não a ciência com função utilitária, mas a que visa fomentar a reflexão do mundo e que objetiva encontrar uma das inúmeras explicações sobre a natureza das coisas (LINS DE BARROS, 2002). O conhecimento precisa ser simplificado para que seja acessível à população, desde que não perca sua essência. Almeida (2002) disserta muito bem sobre tal temática quando explica sobre a teoria da relatividade. Apenas os especialistas entendem com propriedade tal teoria e seus cálculos, porém, a população conhece as linhas gerais de tal teoria, pois o conhecimento se popularizou e se tornou acessível.

A divulgação é muito discutida nos espaços acadêmicos, quando se aborda sobre o papel social e político do fazer científico, buscando-se o reconhecimento e validação da população. José Reis (1907-2002) foi um importante pesquisador e figura fundamental para a construção de trajetórias de cientista-divulgador, considerado o “pai da divulgação científica no Brasil”, contribuiu para o desenvolvimento da comunidade acadêmica e da institucionalização da ciência, sempre reforçou a importância da educação universal (MASSARANI; DIAS, 2018).

Foi no período do pós-guerra que os pesquisadores brasileiros se responsabilizaram pela incumbência de realizar a divulgação de seu trabalho à sociedade. Foi nesse período que começaram a ser criadas novas formas de comunicação científica, seja através da imprensa em geral ou através de publicações específicas, como revistas científicas. A própria revista *Áskesis* é um exemplo de espaço de divulgação da produção dos estudantes e pesquisadores da sociologia.



A divulgação científica pode ocorrer de diversas formas e entre diferentes grupos, sendo que a pesquisa atinge os pesquisadores da mesma área, de outras áreas, e a sociedade civil. É essencial que se estimule o compartilhamento do conhecimento, além de incentivar as crianças, assim como fazia José Reis, que era um pesquisador conceituado e palestrava em feiras de ciências de colégios, visando compartilhar conhecimento e garantir que a ciência esteja presente na vida da população. Há várias formas de atingir a sociedade civil, e uma delas é realizada através desta revista, elaborada por discentes e dirigida a toda a população.

Qual o espaço que o sociólogo pode ocupar? Na medida em que a sociologia visa à compreensão dos fenômenos sociais de maneira desnaturalizada e histórica, ele pode e deveria - estar em todos os lugares. Tudo se torna um objeto de análise. Em um mundo cada vez mais dinâmico, no qual as *fake news* se proliferam rapidamente, é fundamental que existam espaços de compartilhamento de conhecimento, e os cientistas precisam estar mais próximos da sociedade.

Quando pensamos no sociólogo como profissional logo nos vem à mente o professor, seja no ensino médio ou no ensino superior, o que reflete a síntese do papel da sociologia a um único setor mais visível. A importância da “sociologia profissional”, se usarmos as categorias de Burawoy (2007), é indispensável e indiscutível, visto que propaga o conhecimento científico no meio acadêmico. É preciso entender que os sociólogos também estão em outros lugares, ocupando funções profissionais que também fazem parte do seu escopo - e no contexto atual, ainda bem.

O fato é que a descredibilização do papel do sociólogo no meio acadêmico reflete nas outras áreas de atuação possíveis, que são preenchidas por profissionais de outras formações, fazendo um trabalho que está no escopo da sociologia. Oportunidades de atuação em instituições como SESI (Serviço Social da Indústria), SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), SESC (Serviço Social do Comércio), como analistas, na área de pesquisa, marketing, meio ambiente, informática e assistência social, também são destinadas a sociólogos, mesmo que não exclusivamente, mas em conjunto a outras formações - serviço social, direito, relações internacionais, jornalistas, entre outros:

Se a sociologia, como formação intelectual, acredita de fato em sua capacidade de rever e propor questões que impliquem em mudanças sociais, então, nada menos a esperar que os sociólogos ocupem todos os postos de trabalho possíveis (BALTAR; BALTAR, 2017, p. 283).

Dito isso, voltamos ao ponto do ensaio. Tratemos da desvalorização da atuação profissional do sociólogo na propagação do conhecimento científico, seja em escolas ou universidades - principalmente as universidades públicas - locais onde logo somos associados pela escolha da profissão, e os ataques às



ciências humanas são evidentes.

#### **4. Considerações finais**

No contexto atual, os obstáculos se impõem para aqueles que já estão em sala de aula, como mencionado anteriormente, mas também para quem ainda está em processo de formação. Os cortes em verbas de pesquisa são uma realidade no Brasil, o que significa, na prática, barreiras para formação de novos professores e pesquisadores brasileiros. Os alunos estão tendo que lidar com cortes nas bolsas de pesquisas, o que muitas vezes acaba inviabilizando sua continuidade nos estudos. Para aqueles que permanecem na universidade, resta a insegurança, seja pelo medo constante de mais cortes ou pelo futuro incerto no mundo do trabalho.

Estar no campo científico, em um governo que ataca constantemente a ciência é um desafio que todos os pesquisadores brasileiros enfrentam. O problema começa, muitas vezes, no início do curso quando os alunos percebem que as oportunidades de bolsas são remotas e tem que optar por trabalhar e estudar, o que torna tudo muito mais difícil e cansativo, ou largar o curso. Sendo assim, a dificuldade, atualmente, está em conseguir permanecer no curso. A partir do Censo da educação superior 2019, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), que acompanhou o fluxo da trajetória dos estudantes que ingressaram em 2010, pode-se apontar que em 2019, a taxa de desistência foi de 59%, sendo que apenas 40% dos alunos conseguiram concluir o curso. Os cortes prejudicam cada vez mais os alunos das classes baixas, que representam muitas vezes a primeira geração da família a pisar em um curso superior.

Para os alunos que conseguem a permanência, precisam lidar com mais obstáculos: viver em um governo no qual constantemente a ciência é atacada. Fazer ciência em um contexto deste formato não é fácil. Portanto, cada vez mais, é comum observar o movimento que chamam de “fuga de cérebros” (TOLEDO, 2021). Pesquisadores com formações de excelência, diante do contexto brasileiro, acabam optando por deixar o Brasil e continuar suas carreiras em outros lugares, onde a ciência é valorizada e vão poder desenvolver seus trabalhos com maior apoio financeiro e reconhecimento.

É fundamental que o país invista na ciência e nos cientistas, pois é através da construção e divulgação do conhecimento que se avança em direção a um país com menos desigualdade. É imprescindível lutar contra os ataques à ciência e às Universidades Públicas, visto que, só a partir desta luta será possível manter as pesquisas e os pesquisadores produzindo trabalhos de alto nível que beneficiam a sociedade em geral.



## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Miguel Ozorio de. A vulgarização do saber. In: MASSARANI, Luisa et al. (Org.) **Ciência e público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002, p. 65-72.

BALTAR, Ronaldo; BALTAR, Cláudia Siqueira A Sociologia como profissão. **Revista Brasileira de Sociologia**, vol. 5, núm. 10, 2017, Maio-, pp. 259-289.

BOURDIEU, Pierre. **Lições da aula**: aula inaugural proferida no Collège de France em 23 de abril de 1982. Tradução de Egon de Oliveira Rangel. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

\_\_\_\_\_. **Os usos Sociais da Ciência**. Por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRASIL. **Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008**. Altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 03 jun. 2008.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 fev. 2017.

BURAWOY, Michael. For public sociology. In: CLAWSON, Dan et al. **Public sociology**: fifteen eminent sociologists debate politics and the profession in the twenty-first century. Berkeley: University of California Press. 2007a. p. 23-65.

CASSOL, Daniel. **Na Lei ou "na marra", a extrema-direita empurra "Escola sem Partido"**. São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.aapeoesp.org>.



br/noticias/noticias-2018/na-lei-ou-na-marra-extrema-direita-empurra-escola-sem-partido/. Acesso em: 28 junho de 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo da educação superior 2019**. Brasília: MEC, 2020.

KER, João. **Os ataques de Weintraub às universidades da "balbúrdia"**. 2020. <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/os-ataques-de-weintraub-as-universidades-da-balburdia,c5f4988ad50a620e0cf0b0915a9272d6gcjhx8ci.html>. Acesso em: 28 junho de 2022.

LINS DE BARROS, Henrique. A cidade e a ciência. In: MASSARANI, Luisa et al.(Org.) **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002, p. 25-42.

MASSARANI, Luisa; DIAS, Eliane Monteiro de Santana (org.). José Reis: **reflexões sobre a divulgação científica**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2018.

PARANHOS, Thaís. **Dinheiro deve ir para "leitura, escrita e fazer contas", diz Bolsonaro sobre corte em cursos de humanas**. 2019. <https://www.metropoles.com/brasil/bolsonaro-afirma-que-vai-cortar-recursos-das-faculdades-de-humanas>. Acesso em: 28 junho de 2022.

ROCHA, Thiago. **As três frentes de ataque às universidades**. 2021. <https://outraspalavras.net/direitosouprivilegios/as-tres-frentes-de-ataqueas-universidades/>. Acesso em: 28 junho de 2022.

SILVA, Ileizi. A Sociologia no Ensino Médio: Os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. In: **Cronos**, v. 8, n. 2, p. 403-427, 2007.

SILVA, Beatriz de Melo; GARCIA, Fernanda Di Flora. O tema do refúgio nos livros didáticos de sociologia aprovados no PNLD 2018. **Teoria e Cultura**, v. 15, p. 271-288, 2020.

SOLANO, Esther. **O perigo da bolsonarização da vida**. 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2018/O-perigo-da-bolsonariza%C3%A7%C3%A3o-da-vida>. Acesso em: 28 junho de 2022.

TOLEDO, Diego. **Corte de verbas pressiona ciência e amplia temor de**



'**fuga de cérebros**'. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/podcast-e-tem-mais-corte-de-verbas-pressiona-ciencia-e-amplia-temor-de-fuga-de-cerebros-do-brasil/>. Acesso em: 28 junho de 2022.

### **Como citar este ensaio:**

SILVA, Beatriz de Melo; CINQUINI, Bruna; WORMHOUDT, Talitha Passos de Lima . A liberdade acadêmica e o fazer científico: um olhar sobre os desafios enfrentados no Brasil contemporâneo. **Áskesis**, São Carlos - SP, v. 11, n. Edição especial, p. 69-79, dezembro, 2022.

**ISSN: 2238-3069**

**DOI: <https://doi.org/10.46269/11EE22.787>**

Data de submissão do ensaio: 22/03/2022

Data da decisão editorial: 07/12/2022